

CIÊNCIA E TÉCNICA NA *TERRE AUSTRALE CONNUE* (1676), DE GABRIEL DE FOIGNY

Science and Technique in the *Terre Australe Connue* (1676), of Gabriel de Foigny

Ana Cláudia Romano RIBEIRO

RESUMO

Na terra utópica criada por Foigny em *La Terre Australe Connue*, publicada em 1676, tudo segue a idéia de perfeição e de igualdade emanada por seus habitantes, hermafroditas, seres unívocos, completos e guiados por sua natureza racional. A sociedade austral consiste na soma de indivíduos idênticos, cujos pensamentos são tão semelhantes que, mesmo quando devem agir coletivamente, não precisam se comunicar, pois cada um sabe o que deve fazer segundo lhe indica sua razão, que coincide com a de todos os outros austrais. Há, porém, dois momentos em que os austrais são percebidos individualmente: quando discorrem sobre um tema científico e quando apresentam uma nova invenção. Esses momentos de discussão sobre a ciência e suas aplicações técnicas chegam a ocupar mais de um terço das atividades diárias dos austrais, fato ficcional que corresponde a uma etapa fecunda do desenvolvimento da ciência na realidade histórica francesa do século de Foigny. Este artigo tem dois objetivos: por um lado, investigar até que ponto ciência e técnica singularizam os austrais, e se, com isso, rompe-se de alguma forma a unicidade de sua sociedade, por outro, encontrar os elementos reais da França do século XVII que subjazem à utopia de Foigny, levando-o a dar um espaço tão importante às atividades científicas em sua terra austral.

Palavras-chave: Utopia, relato de viagem, viagem imaginária, literatura francesa do século XVII

ABSTRACT

*In the utopian land created by Gabriel de Foigny in *La Terre Australe connue*, published in 1676, everything follows the idea of perfection and equality that emanate from his inhabitants, hermaphrodites, univocal beings, complete and guided by their rational nature. The Southern society consists in the sum of identical individuals, whose thoughts are so similar to each other that, even when they have to act collectively they don't need to communicate, because each of them knows what has to be done according to what their*

reason indicates, which coincides with the reason of all the other Southernns. There are, notwithstanding, two moments in which they can be individually perceived: when they discuss about a scientific theme and when they present a new invention. These moments of discussion about science and its technical applications can occupy more than the third part of the Southernns' daily activities, a fictional fact that corresponds to a prolific stage of the development of science in the historical French reality of Foigny's century. This paper has two objectives: in one hand, to investigate to what extent science and technique singularize the Southernns and if, with that, the unicity of their society is somehow broken off; secondly, to find the real elements of 17th century France that are subjacent to Foigny's utopia, leading him to give such an important place to scientific activities in his southern land.

Key-words: Utopia, travel account, immaginary travel, french literature of the 17th Century.

Em 1676 é publicada a primeira edição da *Terre Australe Connue*, de Gabriel de Foigny, utopia francesa que descreve uma sociedade de seres bissexuados, vivendo na mais perfeita ordem, situada em uma região geográfica ainda desconhecida pelos europeus da época. Com os meios de que dispunha, Foigny se preocupou em dar uma localização exata para seu país imaginário. O protagonista, Jacques Sadeur, se serve dos “meridianos de Ptolomeu” para descrever minuciosamente todas as partes da terra austral, que vai do 340° ao 160° meridiano (FOIGNY, 1990: 67). Em um cálculo aproximativo, se infere que essa imensa massa de terra vai do oceano Índico às costas americanas banhadas pelo oceano Pacífico, e da latitude de São Paulo à do cabo Horn, descrição que se aproxima da representação dada por Oronce Fine em seu mapa de 1531. A precisão do narrador não somente dá verossimilhança a seu relato - recurso evocado por inúmeros estudiosos - mas também indica que ele situava sua extensa terra austral nas antípodas da França, evidenciando assim o caráter especular de seu texto, metáfora da França histórica e de seus habitantes.

Ao tratar de um país longínquo, a utopia de Foigny permite que se estabeleça um diálogo com a terra natal do viajante protagonista, próxima do leitor, permitindo o confronto de duas situações sociais, uma imaginária, outra real, estabelecendo-se assim um olhar comparativo entre obra literária e efetividade histórica. Em outras palavras, a utopia, sobrepondo o ideal ao real, põe realidade e ficção face a face, essa espelhando aquela. A utopia é um espelho cujo reflexo mostra aspectos da história ampliados, muitas vezes corrigidos, modificados e, especialmente, invertidos. A categoria paradigmática da inversão especular é

fundamental no gênero utópico. Assim, na terra utópica de Foigny, o austral é um ser perfeito que representa a antípoda do europeu cujas imperfeições, incongruências e mesquinhas Montaigne já havia evidenciado em seu ensaio *Des Cannibales*.

Os austrais são hermafroditas na acepção de homens completos, auto-suficientes, originariamente dotados de uma perfeição androgínica, vivendo em uma sociedade igualitária segundo uma perfeita racionalidade, que exclui toda paixão. Libertos de sentimentos como amor, ódio, inveja ou ambição, eles vivem em um estado atarácico permanente. São todos iguais porque guiados pela mesma razão ordenadora perfeita. Em consequência, raciocinam da mesma maneira, chegam sempre às mesmas conclusões e agem uniformemente. Não precisam se comunicar para entrarem em consenso, pois cada austral sabe o que deve fazer segundo lhe indica sua razão, que necessariamente coincidirá com a de todos os outros austrais. Quando jogam, quando guerreiam ou quando estão no *hab*, a casa de elevação, dedicada ao exercício da religião, são parte de um corpo social tão homogêneo que dispensa palavras de ordem.

A idéia da coincidência entre vontade individual e coletiva tem um precedente no modo de viver dos telemítas, habitantes da abadia de Theleme descrita por Rabelais, que seguem o princípio da liberdade absoluta (*Fay ce que voudras*: “Faça o que quiser”), condição necessária para que se manifeste sua inclinação natural pelos nobres instintos e por uma vida virtuosa, que levarão obrigatoriamente à convergência dos desejos individuais¹.

¹ Não problematizamos aqui o fato que os telemítas sejam uma classe social de gente nobre, “livre, bem nascida, bem instruída”, que depende de empregados para pentear-los, vesti-los e servi-los sempre que precisarem. (RABELAIS, 1994, cap. LII a LVIII, p. 137-153, especialmente cap. LVII, *Comment estoient reiglez les Thelemites à leur maniere de vivre*, p. 148-150).

Da perfeição austral, que pressupõe, portanto, o primado da razão sobre um e todos, decorre o ótimo aproveitamento dos recursos naturais, individuais e uma perfeita organização social, preservada e perpetuada pelo uso da ciência e de suas aplicações, ou seja, das técnicas. Com efeito, os austrais dominam vários campos do saber: engenharia da natureza (cultivo de plantas nos *huids*, ou jardins cultivados, terraplanagem do território, aproveitamento das fontes de água e experiências com elementos naturais), seleção de espécies (morte dos austrais que nascem com apenas um sexo, extinção dirigida de certas espécies animais consideradas nocivas), medicina (uso medicinal do *balf*, fruta da árvore da beatitude, chamada também de “fruta do repouso”, e de fórmulas que resultam em líquidos cicatrizantes e revigorantes), astronomia (divisão do tempo em meses, semanas, dias e horas segundo a posição dos astros), pedagogia (instrução que capacita igualmente os austrais em todas as áreas do conhecimento), demografia (controle de mortes e de nascimentos visando à estabilidade demográfica), política territorial (divisão territorial geométrica e uniforme em regiões que se dividem em *sezains*, que englobam dezesseis *quartiers*, um *hab*, ou casa de elevação espiritual, quatro *hebs*, ou casas de educação, vinte e cinco *hiebs*, ou casas comunitárias, e *huids*, ou jardins), arquitetura (os *heb* e os *hab* são construídos com pedras cristalinas e coloridas) e engenharia da guerra (tática e estratégia militares, invenção e manejo de armas).

O resultado mais evidente da aplicação dos conhecimentos científicos e técnicos dos austrais é o reforço da uniformização geral de seres e coisas que se tornam controláveis e previsíveis. Essa homogeneidade tem seu correspondente na natureza física e psíquica dos austrais, que são aparentemente iguais uns aos outros. Há, porém, algumas brechas nessa regularidade: fisicamente, alguns possuem um par de braços suplementar na altura das ancas; intelectualmente, eles agem individualmente singularizando-se em duas atividades públicas às quais dedicam diariamente boa parte de seu tempo: a discussão da ciência e a apresentação de suas invenções.

Os austrais dividem sua jornada de trabalho em três partes de cinco horas cada: a primeira é dedicada ou à atividade religiosa no *hab* – a cada cinco dias – ou

à discussão da ciência no *heb*; a segunda, ao trabalho de cultivo dos jardins; a terceira aos chamados “exercícios públicos”, que consistem em três atividades: a apresentação de novas invenções, o manejo de armas e um tipo de jogo. Interessa-nos aqui a discussão da ciência e suas aplicações na forma de invenções, atividades que chegam a ocupar mais de um terço das tarefas diárias dos austrais e fato ficcional que na realidade histórica francesa do século de Foigny corresponde a uma etapa fecunda do desenvolvimento da ciência. Este artigo tem dois objetivos: por um lado, investigar até que ponto ciência e técnica singularizam os austrais, e se, com isso, rompe-se de alguma forma a unicidade de sua sociedade, por outro, tendo em vista o caráter especular da utopia, encontrar os elementos reais da França do século XVII que subjazem à utopia de Foigny, levando-o a dar um espaço tão importante às atividades científicas austrais.

A DISCUSSÃO CIENTÍFICA

A alternância entre as atividades antagônicas do culto religioso e da discussão sobre ciência, realizadas na mesma faixa horária, coloca as duas atividades em um plano de correspondências: o tempo dedicado às ciências é quatro vezes maior do que aquele dedicado à religião; ao silêncio imposto à prática religiosa, reduzida à adoração muda e imóvel, se contrapõe o intenso debate dos temas científicos. Na sociedade austral a discussão religiosa é categoricamente proibida, pois um ser inferior à divindade geradora de vida, chamada de *Haab*, não deve atrever-se a discutir sobre o que lhe é superior. A pesquisa científica e o debate público de suas controvérsias são, ao contrário, estimulados, com a condição de que sejam úteis ao país.

Sadeur impressiona-se com o método e a ordem dos austrais durante o debate: cada austral expõe suas idéias por meio de argumentos claros e inteligentes e, em seguida, responde às questões que lhe forem colocadas. Se alguém tiver alguma objeção, apresenta-a, e ela é então examinada por todos. A conclusão leva sempre em consideração o bem comum. O que tiver sido dito de importante é registrado em um grande livro de atas.

Ainda que Foigny não tenha fornecido informações sobre os temas ou sobre os pormenores das discussões, percebe-se que, ainda que haja, nesses momentos, espaço para intervenções individuais, toda possível dissidência é, no entanto, neutralizada pela subordinação ao interesse coletivo. O próprio grupo se encarrega de exercer a censura sobre o conteúdo das discussões científicas, assegurando a permanência da unidade austral.

A APRESENTAÇÃO DAS INVENÇÕES

As invenções apresentadas publicamente, chamadas de “exercícios” são comumente muito originais, e, por isso, são inscritas no livro das curiosidades públicas, coisa tida por uma grande honra. Segundo Suains, um velho austral que serviu de guia para Sadeur, a diferença entre os austrais se manifesta nesses exercícios, cujo objetivo é servir ao bem comum:

Toute la difference que nous recherchons est dans les exercices communs, afin de trouver quelque subtilité & quelque secret pour l'utilité commune. (FOIGNY, 1990: 101).

Durante sua estadia de 32 anos na terra austral, Sadeur contou mais de cinco mil dessas invenções que, segundo ele, são “prodígios” e “maravilhas” comparáveis ao relato da *Vida dos Santos*, “milagres” da natureza que só a perfeição dos austrais torna possíveis. De difícil interpretação, esses exercícios, que consistem em transformar uma substância em outra, ilustram o postulado da homogeneidade da matéria, coerente com a característica unicidade austral. Eles remetem à alquimia, conforme interpreta Ronzeaud, pela idéia da conjunção entre matéria animada e inanimada². Racault os entende como resquícios de uma magia natural que, não buscando qualquer progresso técnico futuro, sugere a sobrevivência de uma ciência primitiva cujo saber teria se perdido (RACAULT, 2003: 33). Sadeur cita doze exemplos, verdadeiras receitas, que podem

ser agrupados pela semelhança de produtos finais, que resumiremos aqui.

Quatro exercícios têm como consequência a criação de vida animal, sendo que nos dois primeiros ela permanece, e nos outros dois, dura pouco. **1.** Transforma-se uma madeira dura em substância líquida, acrescenta-se uma onça de água do mar e em três horas essa mistura se transformará em uma bela flor vermelha. Amassando-a com vitríolo, em três horas ela se transformará em um animal do tamanho de um gato; **2.** A um copo de água do mar se acrescenta cerca de seis onças de terra, meia colher de suco de *balf*, a fruta do repouso, empacota-se com folhas e, após ter permanecido por seis horas sob a axila, essa massa se transformará em um cão maravilhoso. **3.** Mistura-se terra a um pouco de água, sal de vitríolo, duas colheres de suco de fruta do repouso, cobre-se com folhas e se expõe a mistura ao sol. Resulta um pássaro que não vive muito. **4.** Corta-se em duas metades e esvazia-se uma fruta grande como uma cabaça, versa-se dentro um copo de água do mar, meia onça de água de vitríolo e algumas gotas de suco de *balf*. Após se juntar as duas metades e deixá-las ao sol durante 48 horas, o todo se transforma em um animal semelhante à lebre que vive apenas três horas porque “não é furado nos fundamentos”.

Em outro exemplo, cria-se vida vegetal: a mistura de meia onça de orvalho com o suco de uma flor austral vermelha, cozida ao sol durante um dia inteiro resulta em uma inigualável flor encarnada.

Nada é dito a respeito do que é feito desses animais e vegetais criados pelos austrais, onde são deixados durante o tempo em que vivem, se alteram de algum modo o ecossistema austral ou as relações de produção.

Outras quatro invenções têm função prática evidente, pois delas resultam objetos cujo uso se encontra citado no texto, ainda que indiretamente: A primeira é uma garrafinha de um cristal inestimável³. Pode-se imaginar que seja a mesma que Sadeur levará consigo em grande número durante sua viagem de retorno à Europa, cheia de suco revigorante de *balf*,

² Ronzeaud encontra nesses exercícios traços de um animismo e de um vitalismo estóicos (1990, p. 155, nota 7).

³ *Ayant ammassé une once de rosée, y ayant mêlé deux gouttes d'eau de mer, si on souffle dedans au Soleil avec un petit tuyau, il se forme une petite bouteille d'un Christal inestimable.* (FOIGNY, 1990: 155).

que ele tomará para preservar-se da fome e do cansaço⁴. A segunda é um tipo de papel⁵ que Sadeur usará para escrever suas memórias sobre a terra austral⁶. A terceira é uma tocha incandescente desprovida de calor usada na iluminação pública⁷ e que parece ser a mesma que os austrais usam para dar sinal de alarme em caso de invasão do país⁸. A quarta é um tecido, mais brilhante e polido que os que, na Europa, são confeccionados com fios de ouro⁹, a cujo uso não encontrei referências explícitas. Pode ser que seja o mesmo com o qual Sadeur fez um cinto para estocar os *balfs* e as garrafinhas de licor revigorante para sua viagem de retorno.

Duas invenções fazem pensar em mecanismos pseudo-físico-mecânicos: a primeira é um ímã de água¹⁰ e a segunda é uma engenhoca dotada de movimento perpétuo¹¹. O último exemplo das invenções austrais ensina a tornar-se invisível durante duas horas¹².

A função dessas três invenções, que permanecem no plano da pesquisa científica sem aplicação evidente, não é dita. Como no caso das invenções de vida animal, vegetal e de engenhocas, elas consistem em exercícios especulativos que não chegam a transformar a realidade austral. Esse dado torna-se surpreendente ao lembrarmos que, segundo Foigny, a terra austral existe há 12.000 anos e que, durante esse tempo, excetuados os usos já citados da ciência e da técnica para transformar a natureza e organizar perfeitamente a sociedade austral, a intensa prática científica, paradoxalmente, não resultou em mudanças consideráveis na relação dos austrais com a

natureza ou entre si, ou seja, não teve consequências que poderiam ser a alteração do ecossistema ou a transformação das relações de produção e o conseqüente avanço histórico. A principal característica da prática científica na terra austral é, portanto, seu aspecto especulativo e diletante: a finalidade da ciência se esgota nela mesma.

A desconsideração das consequências a que uma tão intensa prática científica necessariamente levaria ao cabo de tão longo tempo é uma brecha na ilusão narrativa criada pela verossimilhança, uma das características mais evidentes da utopia de Foigny. Essa brecha se deve a um imperativo de ordem narrativa próprio ao gênero literário utópico, que se caracteriza pela imutabilidade paradigmática da sociedade perfeita. Ora, o que é perfeito não muda, perpetua sua exemplaridade: a utopia caracteriza-se por ser uma formulação ideal que escapa à história. Se a ciência expressa nas discussões e nas invenções austrais fosse usada em aplicações técnicas, ela levaria a mudanças, ou seja, ao desenvolvimento histórico característico do real, rompendo assim a congelada perfeição apresentada na ficção utópica. Portanto, na terra austral não há quebra do paradigma literário utópico da imutabilidade, pois os austrais usam ciência e técnica para aperfeiçoar a natureza, os indivíduos e a sociedade até o ponto em que, resolvidos os problemas fundamentais e atingida a perfeição, não haja mais alterações a serem feitas, apenas a perpetuação de um estado ideal.

⁴ *Le fis ensuite une ceinture de plusieurs feuilles que ie frottay du jus du fruit du repos pour la rendre impenetrable aux eaux: je fis par apres une forme d'écharpe creuse, & ayant emply l'une & l'autre des fruits plus substantiels du pays, & des petites bouteilles de leur liqueur [...]* (FOIGNY, 1990: 219-220).

⁵ *Une feuille d'arbre telle qu'on voudra, lavée le matin du jus de l'arbre du fruit du repos, devient ferme & beaucoup plus dure que nôtre fer: étant relavée de la même eau, elle blanchit & devient mollesse comme nôtre fin papier: c'est dequoy je me suis servy pour écrire ces lignes.* (FOIGNY, 1990: 156).

⁶ [...] *m'ayant prié d'ouvrir sa valise, j'y trouvai une espece de livre fait de feuilles, long de demi pied, large de six doigts, & épais de deux: c'estoit un recueil de ses aventures écrit en Latin, partie à Crin dans la terre Australe, partie à Madagascar. Il y avoit encore quatre petits rouleaux chacun de deux aunes de longueur, & d'un pied de largeur, d'un ouvrage fort delicat, & qui auroit eu du lustre si l'eau ne l'eut pas terni.* (FOIGNY, 1990: 11-12).

⁷ *Une certaine huile tirée des feuilles des racines des parterres, mêlée avec de l'eau de mer, remuée par le mouvement d'une petite rouë, éclaire comme um gros flambeau, sans chaleur cependant, & l'on s'en sert communément par les quartiers.* (FOIGNY, 1990: 157).

⁸ *Ceux qui remarquent quelque approche de l'ennemy élevent un signe, qui éclatte commu une flamme brillante, & qui à même temps fait un bruit comme d'une cheute impetueuse, qui s'entend facilement à deux lieuës.* (FOIGNY, 1990: 191).

⁹ *Des feuilles cousuës ensemble, frottées deux fois du jus du fruit du repos, y mêlant quelques goûtes exprimées des feuilles du même arbre, font une toile plus brillante & plus polie que nos toiles d'or.* (FOIGNY, 1990: 157).

¹⁰ *Une perche ronde frotée d'une petite herbe égale à nôtre cerf feuille, empêche que l'eau ne coule à terre: ou plutôt l'eau si attache, comme le fer s'attache à l'aymant dans l'Europe.* (FOIGNY, 1990: 157).

¹¹ *Une rouë à quatre pointes & à quatre boulets qui sétendent & se rétraignent, fait un mouvement perpetuel; l'ay remarqué que cela provient d'un bois suspendu qui tire le boulet du côté droit & le chasse au gauche.* (FOIGNY, 1990: 157).

¹² *S'étant frotté avec de l'eau de mer mêlée du jus des fruits des parterres, on devient rouge comme écarlate, & en frottant ensuite de la même eau on est invisible durant deux heures.* (FOIGNY, 1990: 157).

Na sociedade utópica austral, ciência e técnica singularizam os austrais, pois sua individualidade se exprime nas discussões científicas e nas invenções, mas não a ponto de romper sua homogeneidade característica. Não há um cientista singular nem hierarquia intelectual, pois se houvesse estaria contradita a idéia utópica de uma sociedade igualitária de cidadãos igualmente dotados e dirigidos, ou limitados, pela ausência de paixões.

A DISCUSSÃO CIENTÍFICA NA FRANÇA DO SÉCULO XVII

A presença importante da ciência e das técnicas na terra austral sob a forma de conferências, debates e experiências, ou seja, de teoria e prática, das quais todos os austrais participam, espelha a situação do desenvolvimento científico na França da época de Foigny que se dava nos círculos privados de discussão. É importante levar em consideração que o termo “ciência” designava, no século XVII, o conhecimento num sentido bastante abrangente, englobando física, astronomia, matemática, química, alquimia, mecânica, história natural, e que a distinção entre saber científico e saber não científico apenas começava a ser pensada.

O século XVII se caracteriza pela transformação da relação do homem com a natureza e da maneira de investigá-la: o dado empírico resulta em interrogações que rompem com a concepção aristotélica do mundo propagada pela Igreja e nas universidades, tornando ciência e religião termos antinômicos. Essa contraposição, que permaneceu sem conciliação em Galileu, será neutralizada na obra de Descartes que, ao tornar novamente ciência e religião termos compatíveis no plano filosófico, dará um novo impulso ao desenvolvimento científico (a publicação do *Discours de la méthode* data de 1637).

No início do século XVII começa a se desenvolver em Paris e em outras cidades um movimento acadêmico cujo antecedente mais remoto na França é a academia dos Valois, criada em 1570, autorizada por Carlos IX e estimulada depois por Henrique III, e que durou até 1585, comparável à Academia florentina fundada em 1462 por Massilio

Ficino, sob a proteção de Cosme de Medici. Foram fundados muitos círculos privados franceses, também chamados de assembléias ou companhias, independentes do Estado. Esses locais privilegiados, opondo-se ao método autoritário escolástico, destinavam-se às discussões visando ao desenvolvimento do saber, e tinham como pressupostos o uso crítico da razão e o respeito da autonomia do julgamento individual, princípios sobre os quais discorre Montaigne, em seu ensaio *De l'art de conférer* (1588). Nesse ensaio, o filósofo diz que a verdade só pode ser alcançada por meio do debate “natural”, que ele opõe ao “escolástico”, julgado estéril. O método escolástico também será criticado alguns anos mais tarde por Bacon, particularmente no aforisma 90 do *Novum Organum* (1620), onde, fazendo poucas concessões à cultura tradicional, ele constata que, do modo como são organizadas as lições, dificilmente um estudante poderia ser levado a pensar algo diverso do habitual. Montaigne explica que o debate “natural” parte da aplicação da experiência como instrumento para conhecer e julgar o mundo, e que deve ser realizado com a mesma ordem que ele vê nas alterações dos pastores de animais.

[...] *C'est n'est pas tant la force que et la subtilité que je demande, comme l'ordre. L'ordre qui se voit tous les jours aux altercations des bergers et des enfants de boutique, jamais entre nous. [...] On ne fait point tort au subject, quand on le quicte pour voir du moyen de le traicter; je ne dis pas moyen scholastique et artiste, je dis moyen naturel, d'un sain entendement. [...] Tout homme peut dire veritablement; mais dire ordonnément, prudemment et suffisamment, peu d'hommes le peuvent.* (MONTAIGNE, 1950: 1038 e 1041).

Assim fazem os austrais de Foigny: o narrador Sadeur se maravilha com o modo ordenado, prudente, suficiente dos debates austrais e com seu modo de tirar máximo proveito do tempo de que dispõem.

Les iours qu'ils ne vont pas au Hab, ils sont obligez de se trouver au Heb pour traiter des

sciences: ce qu'ils font avec un si bel ordre, que i'étois ravy de voir la diligence qu'ils apportent pour employer le tems avec profit. [...] on conclu ce qu'on iuge de plus raisonnable, sans autre égard qu'aux interets du pays. (FOIGNY, 1990: 153).

Freqüentavam os círculos privados franceses os libertinos, chamados de “livre-pensadores” ou *esprits forts*, que colocavam em dúvida o senso comum buscando expor suas contradições, e procuravam explicar o mundo com instrumentos herdados do renascimento, mas servindo-se de novos instrumentos de análise da natureza, matemáticos e empíricos. Nessas academias procurava-se estabelecer relações igualitárias, adequadas ao etos de civilidade definido por Castiglione (*Il libro del cortigiano*, de 1528) e por Erasmo (*De civilitate morum puerilium*, de 1530), que caracteriza o indivíduo moderno, e que foi metaforizado nos habitantes das utopias renascentistas e no hermafrodita austral de Foigny.

As academias privadas francesas caracterizavam-se por sua diversidade institucional e sobretudo temática. O círculo dos irmãos Dupuy, por exemplo, aberto em 1617, cultivava ideais humanistas e tinha caráter enciclopédico. Os temas dos ciclos de conferências do Bureau d'Adresse¹³, fundado por Théophraste Renaudot com o apoio de Richelieu, que aconteciam semanalmente em Paris de 1632 a 1642, tinha como substrato as correntes de pensamento retomadas pelos humanistas (platonismo, neo-platonismo, estoicismo, kabala, filosofia hermética) e a revisão de temas ligados a crenças, lendas e *mirabilia*. Eram abertos a eruditos, curiosos e *beaux esprits*, caracterizando-se por sua vocação pedagógica e vulgarizadora. Outros círculos eram mais especializados, como a academia fundada pelo padre Marin Mersenne em 1635, que se dedicava prioritariamente à ciência. A *Académie Française*, fundada em 1635 por Richelieu, por ordem de Luís XIII, e a *Académie des Sciences*, criada em 1666 por Colbert,

coexistirão com os cenáculos privados, em expansão. A instituição monárquica tolerará a coexistência das práticas não institucionais de formas privadas de sociabilidade acadêmica.

As discussões que se davam nesses círculos representavam um modo de acesso à racionalidade científica. Procurava-se colocar em questão as verdades tidas por estabelecidas e interrogar a natureza à luz da razão, método que lembra o procedimento de Bayle em seu *Dictionnaire*. Aparecia assim a distinção entre “verdadeiro” saber científico e saber não científico, denunciado como “erro”.

Essas academias tinham em comum o enciclodismo e o sincretismo, traços fundamentais da noção de saber da era barroca norteadas pelo princípio fundamental da profusão, o mesmo que subjazia aos gabinetes de curiosidade e à variedade e maravilha das invenções austrais. Havia, no entanto, uma restrição temática, que encontra correspondência na proibição austral de debater sobre religião: a não discussão de temas teológicos e políticos, que podia vir da censura ou de uma escolha. Por um lado, Théophraste Renaudot, dizia que deixava à Sorbonne o privilégio de discutir teologia e ao *Conseil du Roi* o encargo de tratar dos “mistérios dos negócios do Estado”¹⁴, dos quais ele oportunamente reconhecia a natureza divina. Por outro lado, o abandono do tema religioso relaciona-se também à recusa de uma tradição desmentida pelas recentes pesquisas científicas, à conseqüente preferência de temas ligados ao racionalismo moderno e à rejeição da ortodoxia religiosa ou política, características dos autores da terceira fase do libertinismo, desenvolvida na segunda metade do século XVII.

A presença importante da ciência e das técnicas na terra austral ilustra o peso crescente da ciência na vida cultural do século XVII francês e a renovada confiança em sua utilidade social, seu valor como instrumento de laicização e como promotora do progresso civil. Além de formar bons cidadãos, segundo a ótica renascentista (idealismo aristotélico-

¹³ O Bureau d'Adresse, fundado pelo médico Théophraste Renaudot em 1630, era inicialmente uma instituição oficial destinada a lutar contra a pobreza por meio da divulgação de ofertas de emprego. Em seguida diversificou sua iniciativa em outros setores da vida social urbana, como agência imobiliária, matrimonial, dentre outros serviços de auxílio público. Em 1637 o Bureau se amplia com um hospital e depois com um serviço de consultas médicas gratuitas, cujo sucesso é testemunhado em textos literários da época. (MAZAURIC, 2004, p. XVI-XVII).

platônico), Foigny sugere, por meio da intensa prática da ciência na terra austral, meios para a superação dos preconceitos e das superstições, pressuposto essencial da emancipação racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

FOIGNY, G. de. *La Terre Australe Connue (1676)*. Édition établie, présentée et annotée par Pierre Ronzeaud. Paris: S.T.F.M., 1990, 250 p.

MONTAIGNE, M. de. *Essais*. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet. Paris: Gallimard, 1950.

RABELAIS, F. In: *Oeuvres Complètes*, éd. Établie, présentée et annotée par Mireille Huchon, avec la collaboration de François Moreau. Paris: Gallimard, 1994.

RENAUDOT, Théophraste. *De la petite fille velue et autres conférences du Bureau d'Adresse*. Choix et présentation par Simone Mazaauric. Paris: Klincksieck, 2004, 154 p.

FONTES SECUNDÁRIAS

CONSARELLI, Bruna. “Gabriel de Foigny ovvero la perfetta ‘disumanità’ del saggio stoico”. In: *‘Libero pensiero’ e utopia nel ‘Grand Siècle’*. Pesaro: Flaminia: 1990, p. 85-118.

MAZAURIC, Simone. “Introduction”. In: RENAUDOT, Théophraste. *De la petite fille velue et autres conférences du Bureau d'Adresse*. Choix et présentation par Simone Mazaauric. Paris: Klincksieck, 2004, p. VII-XXXVIII.

RACAULT, Jean-Michel. *Nulle part et ses environs. Voyage aux confins de l'utopie littéraire classique (1657-1802)*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2003, 474 p.

RONZEAUD, Pierre. “Raison et déraison de l'imaginaire utopique: *La Terre Australe Connue*”. In: *Rivista di Letterature moderne e comparate*, 2, 1982, p. 141-157.

TROUSSON, Raymond. *Sciences, techniques et utopies. Du paradis à l'enfer*. Paris: Harmattan, 2003, 236 p.

Ana Cláudia Romano Ribeiro faz seu doutorado no Departamento de Estudo Literários do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), iniciado em 2005. Atualmente prepara, sob a orientação do professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel e com o apoio da FAPESP e da CAPES, a tradução para o português e o estudo da utopia francesa *La Terre Australe Connue (1676)*, de Gabriel de Foigny. Em seu trabalho de mestrado, “*A Ilha dos hermafroditas: viagem à França especular de Henrique III*”, realizado na mesma instituição e sob a mesma orientação, traduziu para o português e analisou *L'isle des Hermaphrodites (1605)*. Participa dos grupos de pesquisa Utopia e Renascimento e U-Topus, é co-editora da revista *MORUS – Utopia e Renascimento* e publicou vários artigos sobre utopias.